

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

INSTITUTO DE ARTES

DEPARTAMENTO DE ARTE DRAMÁTICA

LICENCIATURA EM TEATRO

**A Deusa em cada mulher: Poesia Corporal. Oficina Teatral, Rito e
Psicomagia. Uma experiência pandêmica.**

Deisy Meneghel Pirotti

Orientadora: Dra Adriana Jorge Lopes Machado Ramos

Porto Alegre

2021

Deisy Meneghel Pirotti

A Deusa em cada mulher: Poesia Corporal. Oficina Teatral, Rito e
Psicomagia. Uma experiência pandêmica no ano de 2021.

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Departamento de Arte
Dramática do Instituto de Artes da
Universidade Federal do Rio Grande
do Sul, como requisito parcial e
obrigatório para a obtenção do título de
Licenciado em Teatro.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Adriana Jorge
Lopes Machado Ramos

Porto Alegre

2021

Deisy Meneghel Pirotti

A Deusa em cada mulher: Poesia Corporal. Oficina Teatral, Rito e
Psicomagia. Uma experiência pandêmica no ano de 2021.

Aprovada em:

BANCA EXAMINADORA

-----/---/-----

-----/---/-----

-----/---/-----

Agradecimentos

Agradeço à Deusa, em suas infinitas manifestações. Agradeço às que vieram antes e lutaram com suas vidas, às mulheres que mantiveram viva a história da matrilinearidade dos antigos tempos, afim de reestabelecer as conexões com os ciclos naturais.

Agradeço ao meu filho por frequentar aulas comigo e dormir ouvindo textos teatrais, por todos os momentos que precisei me dedicar a este projeto.

Ao meu companheiro pela cumplicidade e apoio.

Agradeço imensamente ao carinho, entrega, parceria e confiança de todas que estiveram presentes ao longo dos encontros desta oficina.

Agradeço minha orientadora, Adriana Jorge, por sua generosidade, sororidade e compreensão ímpar.

Resumo

O presente trabalho perpassa por arquétipos existentes na psique feminina associados aos mitos gregos e suas Deusas. Tais arquétipos são experienciados em performances, ritos e psicomagia, criando uma poesia corporal e proporcionando um espaço de escuta acolhedora empática para trocas de saberes e experiências do viver feminino na atual conjuntura social na qual estamos inseridas, através de uma oficina Teatral ministrada e conduzida pela artista Deisy Meneghel.

Àquele que quiser adentrar, espiar o que se passa em nossa floresta oculta, é preciso coragem. Para compreender e abraçar a Deusa que habita cada ser desta humanidade é preciso abandonar os velhos obsoletos conceitos já arraigados no teu ser. Permitir-se ao ritual, ao desconhecido, ao que os olhos não têm capacidade de absorver, nem tampouco nosso vocabulário descrever; é para poucas e fortes.

Aviso desde já, que se teu intuito é racionalizar, se não estás disposto a conhecer e encarar novos mundos e saberes – fecha o livro, isto não é para ti, ainda.

Somente as dispostas selvagens são capazes de percorrer caminhos tão sutilmente poderosos e abri-los com respeito e compaixão.

O povo que abre estradas a facção e devastação, à força bruta e hierárquica, estes já conhecemos bem.

Agora é outra hora, outra – a nossa- forma de abrir os caminhos.

Especialmente às irmãs de luta pela nossa existência resistência, sejam bemvindas. Aconcheguem-se com conforto, pegue um chá ou café e venha comigo em uma viagem floresta adentro de si mesma.

Da minha Deusa,

Para a Sua.

Diálogos com a Grande Deusa

Capítulo do Mago:

A Pandemia

No Tarot de Marselha o arcano do Mago carrega o número I, representando aqui a capacidade dos recomeços, de usar o que se tem. Surge, às vezes, após o arcano do Louco, que hora se veste de zero, hora de XXII. Escolhi o Mago para representar este capítulo que percorreu e percorre uma pandemia sanitária e uma guerra escancarada a nós, artistas e professoras, assim como a toda cidadã deste triste país.

Chamo a energia desse arcano e à Maga presente em cada uma de nós, que tanto foi e está sendo invocada para recriarmos nossos laços afastados, nossas forças rompidas e mantermos a esperança e sabedoria de seguir fertilizando nosso solo com resistência.

Perdemos muito em pouco tempo, tantas a cada hora. E, como a figura da Maga, nos encontramos novamente no início do desconhecido, com poucas ferramentas em nossa mesa. Ainda como a Maga, não nos entregamos e seguimos, tentando e testando cada possibilidade imprecisa que se apresenta.

Com a Oficina Teatral Poesia Corporal – A Deusa em Si, não foi nada diferente. Os desafios da arte do encontro, agora virtual, ganharam proporções fantasmagóricas.

A Jornada d'A Maga

A arcana Maga do Tarot representa uma jornada iniciática. São os desafios da roda da vida referindo-se aos incontáveis ciclos de início e fim, das tantas vezes em que nos precisamos “reinventar”: o início no ciclo vida-morte- vida. Dessa forma A Maga não inicia de mãos vazias, mas carregando ferramentas de experiências passadas, de uma vida passada que vivemos aqui, nessa mesma vida. E é resgatando, então, antigas memórias coletivas que daremos o primeiro passo rumo à trilha desconhecida.

Breve introdução

Ao longo da história a mulher e tudo o que fosse considerado ligado ao feminino foi subjulgado, infantilizado, e digno de uma “imbecilidade” social e estatal. Esse pensamento patriarcal e machista está intrínseco na nossa sociedade e na vida de todas as mulheres, que não se encaixam nos padrões pré-estabelecidos, adoecendo seus corpos e mentes na busca por ideais de beleza e comportamento que, além de inalcançáveis, não representam de forma alguma a mulher enquanto ser/indivíduo.

Da caça às bruxas, a diminuição da população, controle da natalidade pelo Estado, as mulheres foram sofrendo agressões e processos de objetificação. A perda do controle da natalidade, do pertencimento do próprio corpo, mortas por séculos por infanticídios e a condenação por qualquer tipo de contracepção. Vigiadas pela família, vizinhos, comunidade e estado para que cada gravidez fosse registrada e, caso não houvesse o nascimento da criança a mulher era condenada, independente de ter provocado o aborto ou não. As parteiras, profissão feminina mais antiga do mundo, não eram mais confiáveis, sendo substituídas por médicos homens que a partir de então colocavam a vida do feto sempre à frente da mulher, independente de sua escolha ou posicionamento.

“... o estado adotou medidas pró-natalistas que, combinadas com a assistência pública, formaram o embrião de uma política reprodutiva capitalista.” (Federicci, Sílvia. “Calibã e a bruxa” p. 173)

Atualmente no Brasil esse mesmo pensamento sócio cultural gera mais de 180 estupros por dia. As taxas de feminicídio aumentaram 76% no primeiro trimestre de 2019. Atualmente, a cada 2 segundos, uma mulher sofre agressão. Segundo o Atlas da Violência 2018, foram registradas 13 mortes violentas de mulheres por dia, totalizando 4745 mortes. Em 2017, o Brasil concentrou 40% dos feminicídios da América Latina segundo a Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (Cepal), vinculada à Organização das Nações Unidas (ONU).

Pesquisas sobre percepção e experiência de violência apontam que 40% das mulheres brasileiras afirmam já ter sofrido violência por parte de um homem, e 29% relatam sofrer ou ter sofrido violência doméstica. (FUNDAÇÃO PERSEU ABRAMO. Violência contra a Mulher na Esfera Pública e Privada. São Paulo: Fundação Perseu Abramo; SESC, 2010. SENADO FEDERAL. Violência doméstica e familiar contra a mulher. Brasília: Senado Federal, 2017.)

Os abortos matam uma mulher a cada dois dias, segundo o Ministério da Saúde.

Segundo a cartilha de Direitos Humanos das Mulheres da ONU os maiores desafios são o empoderamento econômico, assim como o político e a representatividade, saúde integral e educação inclusiva.

Mulheres e historicidade – Adoração à Deusa Mãe

Remontando ao período mais antigo da história da humanidade, desde a pré-história, ou seja, o surgimento, sobrevivência e evolução da espécie (datados aproximadamente de 30 milhões de anos até 3.500 a.C. - com a criação da escrita) foi e ainda são descobertas e desvendadas inúmeras esculturas e artefatos que, desde o século XX, vem transformando e revelando, através de estudos arqueológicos mais focados e o surgimento do estudo da teologia, o culto à Grande Mãe Criadora do universo. Reverenciando a mulher, seu sangue, ciclos, seu materno, assim como todas as questões e conhecimentos mágicos e intrínsecos, seu poder de subjetividade e intuição. Todas as mulheres eram sagradas, pois através do poder do ventre gerador de vida, eram filhas e irmãs da Grande Mãe, sendo sua representação na terra.

Todas essas civilizações cultuavam o feminino e mantinham sociedades matrilineares e matrifocais. A conexão com a natureza, sempre em comunhão com os elementos, o foco no bem estar de toda comunidade, na criação e transmissão de valores e conhecimentos das crianças por todas e todos, de maneira circular, respeitando e honrando a igualdade de todos os seres, cuidadosa e focada na irmandade e solidariedade.

Em diversos lugares do mundo são encontradas evidências arqueológicas da adoração a Grande Mãe como criadora do universo, nascida de seu próprio ventre e gerando a Terra. São inúmeras as semelhanças de mitos, Deusas, ritos, celebrações, mais antigos do que podem os pesquisadores conseguem prever. Também não foram encontrados indícios de dominação e subordinação do povo por meio de ameaças bélicas ou autoritárias. Baseando-se sempre na igualdade, pacificidade, amorosidade, reverenciando a natureza, a arte e a vida.

Importante ressaltar que não se tratava de sociedades matriarcais, não havia doutrinações religiosas, muito menos dominações por castas ou diferenças de classes sociais. Tudo era pautado na adoração a Criadora da vida.

A árvore genealógica das comunidades circulava de maneira matrilinear, sendo todas as mulheres filhas da Grande Mãe, eram todas irmãs e todas Deusas. Não existia a ideia de monogamia, sendo sempre a linhagem passada pela mãe. Os homens exerciam o papel de seus cuidadores, pois as crianças eram responsabilidade da comunidade assim como todos os outros afazeres para sobrevivência. Desta forma, dividindo as tarefas, as mulheres foram responsáveis por grandes avanços sociais da humanidade. Principalmente da transição do período Paleolítico para o Neolítico, onde as maiores provas dessas sociedades matrifocais e matrilineares se revelaram. Enquanto no Paleolítico prevaleceu a caça e coleta, em que os povos viviam do que a natureza fornece e, então, partindo nômades para novo local que pudesse dar continuidade ao estilo de vida. No Neolítico as mulheres foram responsáveis pelo desenvolvimento e consolidação das sociedades agrícolas.

Mais tarde, com a descoberta da participação do homem na concepção, iniciou-se um movimento de disputas por territórios, guerras, uso da força física, invasões onde tudo era queimado, saqueado e as mulheres estupradas. Era o surgimento do Sistema Patriarcal.

Mulher, historicidade e reconhecimento

O resgate e a reconexão com a mitologia de sociedades ancestrais que cultuavam a Grande Deusa, ou seja, a mulher enquanto ser e não mero objeto, ganha força junto ao estudo da psicologia baseada no que o psiquiatra suíço Carl Gustav Jung denominou como manifestações do inconsciente coletivo da espécie humana (arquétipos).

Seguindo o estudo de psicanalistas junguianas, como Jennifer Barker, todos esses arquétipos da Grande Deusa estão presentes em cada uma, porém sofreram um grande desmembramento por invasões territoriais das sociedades patriarcais. Esse mesmo desmembramento que limita e objetifica, quando levado à luz da consciência, promove uma libertação e compreensão do Ser Mulher. O autoconhecimento atinge então um novo patamar, reverberando nos corpos, nas mentes, nas atitudes e nos espaços que essas mulheres ocupam em si e na sociedade, despertando uma escuta empática e acolhedora entre as participantes.

O que são Arquétipos

Arquétipo (do grego ἀρχή - arché: "ponta", "posição superior", "princípio", e τύπος - tipós: "impressão", "marca", "tipo").

“Quando a mesma dinâmica é constatada num grupo de pessoas, temos o que Jung denominou arquétipo. Ele foi o primeiro a observar que tipos dinâmicos dessa espécie podem ser encontrados em sua forma mais pura na mitologia e na literatura, e que também estão presentes, disfarçados, nos sonhos e nas fantasias de todos nós.” Jennifer Wolger, A Deusa Interior

Associado a experiências universais e intrínsecas do ser humano, como nascimento e morte, o termo também é usado por filósofos neoplatônicos e designa as ideias como modelos originários de todas as coisas existentes.

As influências arquetípicas estão na sombra do nosso inconsciente e possuem suas próprias forças e fraquezas, aspectos positivos e negativos. São tendências a atitudes, principalmente reativas, cíclicas em nossa

jornada das quais podemos cair reféns. Conhecer e reconhecer suas características em nosso ser nos permite libertar essas amarras. Identificar os arquétipos atuantes na nossa vida e quais desejamos vivenciar para o caminho que escolhemos, traz coerência para as atitudes que tomamos no dia a dia estarem alinhadas ao nosso propósito.

A Psicomagia por Alejandro Jodorowski

A psicomagia é uma técnica terapêutica criada pelo chileno Alejandro Jodorowsky, que combina xamanismo, psicologia, intuição, misticismo, filosofia oriental e arte com um objetivo curativo.

A “farsa sagrada”, como o próprio autor a denomina, é uma noção concebida baseada em toda sua trajetória de vida e estudo, com as curandeiras do México, os feiticeiros e o contato com o tarot desde a infância. Artista de happenings, teatro e cinema, a arte de observar cautelosamente todos os atos e cenas, reais ou não, é presente em seu cotidiano. Presenciando como as terapeutas populares procediam e crendo estar diante de truques e encenações fantásticas que, tanto para o público quanto para o paciente passavam como verdadeiros milagres que somente outras dimensões poderiam explicar.

Para melhor entender as influências e o caminho que Jodorowski traçou para conceber essas noções, vamos retomar sua trajetória.

Graças a seus encontros com o escritor francês e principal teórico do surrealismo, André Breton, Jodorowsky passou a incorporar elementos oníricos à sua obra, embora não compactuasse com certos preceitos do movimento. Tendia mais a buscar referências na cultura popular. Em 1962, uniu-se ao dramaturgo espanhol Fernando Arrabal e ao pintor francês Roland Topor para fundar o Movimento Pânico.

“Pânico”, no Aurélio, é definido como “susto ou pavor repentino, às vezes sem fundamento, que provoca uma reação desordenada, individual ou

coletiva, de propagação rápida”. Remete ao Deus Pã, habitante das florestas e motivo de temor dos caminhantes noturnos.

(FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Novo Aurélio século XXI: o dicionário da língua portuguesa. 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999, p. 1485)

A partir de três elementos básicos – terror, humor e simultaneidade-, o movimento postulava transcender os limites impostos pela sociedade e buscava rechaçar a seriedade artística com uma explosão criativa sem regras. Nas palavras de Fernando Arrabal: “O pânico é a crítica da razão pura, é o convívio sem leis e sem mando, é a ode ao talento louco, é o antimovimento, é a arte de viver (que leva em conta a confusão e o azar)”. Peças como “Cabaret Trágico” foram inspiradas nos mandamentos preconizados pelo movimento.

Assim como a corrente surrealista outra grande influência do Teatro Pânico foi justamente Antonin Artaud.

"O teatro é, antes de tudo, ritual e mágico, isto é, ligado a forças, baseado em uma religião, crenças efetivas, e cuja eficácia que se traduz em gestos está ligada diretamente aos ritos do teatro, que são o próprio exercício e a expressão de uma necessidade mágica e espiritual"

Artaud defende um teatro que (re)encontre o ritual, o encantamento, o mito, a metafísica e a alquimia. Um teatro que a cena seja o foco principal e o texto ganhe uma dimensão além dos significados linguísticos das palavras. Um teatro onde a magia seja algo visível na cena e promova o pestiamento de todo o público diante do apresentado.

“Fica claro então que o teatro, justamente por encerrar-se na sua linguagem, por permanecer em correlação com ela, deve romper com a atualidade; que ser objetivo não é a resolução dos conflitos psicológicos e sociais, ou então servir como campo de batalha das paixões morais, mas sim exprimir, objetivamente, verdades secretas, fazer vir à luz, por gestos ativos, essa porção de verdade oculta sob formas que se confundem com o Devir” (ARTAUD, 1983, p. 58).

Psicomagia: Um teatro ritual

Como podemos observar, os estudos do teatro pânico fazem conexão com as ideias de crueldade, metafísica, alquimia e duplo desenvolvidas por Artaud. Jodorowski propõe com sua psicomagia um teatro ritual de transmutação e liberdade, magia e terapia, mesclando elementos, com a finalidade de proporcionar um êxtase através das ações do corpo e inconsciente.

“Para que o extraordinário aconteça, é preciso que o doente, admitindo a existência do milagre, acredite firmemente que vai ficar curado. Para obter êxito, o bruxo se vê obrigado a empregar truques para que a pessoa se convença de que é o espírito que comanda a realidade material. Ofuscado pela farsa sagrada, o consulente pode então sofrer uma transformação interior que o leva a perceber o mundo mais com a intuição do que com razão. Só então o verdadeiro milagre pode acontecer.” (Psicomagia, p. 10)

Utilizando a linguagem simbólica, principalmente do tarot, o autor adentra parte do inconsciente coletivo e individual do consulente. Conversando, conhecendo e conduzindo uma investigação a cerca do tema proposto pelo participante. Buscando compreender então o contexto sócio-cultural-emocional em que a pessoa está inserida, e estando em estado meditativo de não julgamento ou não identificação com o personagem/consulente, propõe um ato ritual capaz de proporcionar um efeito catártico. Um ritual mágico, terapêutico, catártico, catalisador no qual, em níveis simbólicos e cênicos da ação, os mecanismos utilizados provoquem o inconsciente a entrar em vigor.

“O psicomágico, de curandeiro se torna conselheiro: graças a suas receitas, o paciente se torna em seu próprio curador” (Jodorowsky, 2005, p-12).

Esta é a base da Psicomagia, que utiliza a arte como forma de trabalhar estes símbolos do inconsciente. A Psicomagia pede aos seus “atores” – atores de si mesmo, representantes de seu papel social – que

ressignifiquem suas experiências, efetuando um “teatro simbólico” consigo mesmos, de maneira a ampliar a sua própria percepção sobre a vida. Para Jodorowsky, o inconsciente não é traduzível; é completamente caótico. O inconsciente não seria capaz de adotar uma expressão racional. Por isso, a Psicomagia propõe o caminho inverso – fazer com que a linguagem simbólica do inconsciente emerja para que a parte racional compreenda e, justamente por ser mais flexível, use esta linguagem como forma de expressão, atingindo uma ampliação da consciência a respeito da questão trabalhada.

“...Parte é adquirida socialmente, parte parece ser inata. Quando a mesma dinâmica é constatada num grupo de pessoas, temos o que Jung denominou arquétipo. Ele foi o primeiro a observar que tipos dinâmicos dessa espécie podem ser encontrados em sua forma mais pura na mitologia e na literatura, e que também estão presentes, disfarçados, nos sonhos e nas fantasias de todos nós.” Jennifer Wolger, A Deusa Interior

“Conheça todas as teorias, domine todas as técnicas, mas ao tocar uma alma humana, seja apenas outra alma humana.” Carl Jung

Metodologias:

Invocando a Deusa: Práticas Corporais Poéticas e Sensíveis

Para os exercícios práticos foram incorporadas estudos de rituais antigos ligados à potência feminina. Aqui quero deixar claro que como “potência feminina” refiro-me ao conhecimento e autonomia de nosso corpo – mulher (ou corpA). Acolho esse termo a fim de fugir da banalização que a expressão “sagrado feminino” sofreu pelo capitalismo e sua indústria, ambas representações do patriarcado, confundindo o então estudo com um manifesto onde o ser mulher virara algo a ser forçosamente adorado, e não uma luta e reivindicação do espaço-corpo da mulher na sociedade.

Pesquisadoras como a Dra Jean Shinoda Bolen, Jennifer Barker Woolger, Mirella Faur, Miranda Gray são a base desta pesquisa. Suas experiências em áreas como a nova psicologia das mulheres, Junguiana, mitologia grega, palestras, grupos e círculos de mulheres compõem a base para o diálogo com as práticas teatrais, já mencionadas anteriormente.

Exercícios

1- Sentar com a coluna ereta. Fechar os olhos. Conscientizar-se da respiração.

Respirar profundamente pelo menos 3x

2- Acordar o corpo, com movimentos gentis. Estar atenta aos pés e intencional o aterramento.

3- Experimentar movimentos horizontais e verticais com todo o corpo, variando tamanhos, proporções, acelerados e lentos.

4- Ássanas Montanha, postura da Deusa e cócoras.

5- Soltar o corpo, pesquisando e mesclando os itens 3 e 4.

6- Internalizando a Deusa:

Escolha uma frase ou palavra que tenha te tocado.

Escolha um ou mais dos objetos.

7- Introduza o(s) objetos nos movimentos trabalhados.

Escolha dois movimentos e repita-os.

8 - Crie uma partitura corporal com os movimentos e objeto.

Uma sala de um apartamento antigo, um verão quente. Noite escura, lua crescendo no céu. Aparelhos tecem seus cabos caoticamente entre si para atenderem às demandas do nosso não encontro. Medos, inseguranças das conexões tecnológicas. Estranhamento. As distancias além das distâncias: as distâncias próximas, incapacidade do toque e da presença – novo lugar.

Athena

Mito de Athena

Da Grécia antiga herdamos o mito de uma Deusa que teria nascido da cabeça de seu próprio pai Zeus. Esse, portando tamanha sabedoria e divindade, foi capaz de gerar uma filha sem a participação de uma mulher, gestá-la e pari-la pela própria mente.

Porém uma versão mais antiga, de Hesíodo, declara:

“Zeus engravidara Métis, a titã. Temendo um oráculo que decretara ser um menino que iria depô-lo, Zeus engodou Métis e a engoliu. Mas a criança continuou a crescer dentro de Zeus, até que, por fim, ele veio a sofrer de dores de cabeça tão atrozes que convocou Hefáistos, o ferreiro, para rachar-lhe o crânio com um machado. Com um grito de batalha selvagem, Athena saltou para forma, inteiramente armada.”*

Hesíodo, Teogonia, 887-902

Justamente por essa proximidade com o masculino, uma Donzela guerreira gestada por um Deus e padroeira da cidade de Atenas, Athena tornou-se representante do patriarcado como mito político e exercendo sua função social de “catequizar” numa Grécia patriarcal ainda precária de V séculos a.C. Seu templo “Parthenos” significa “virgem”. Ela teria tido influência direta na colonização da então Acrópole Ateniense.

Há diversos estudos sobre a inspiração manipuladora patriarcal para a origem desse mito. Alguns defendem a ideia de que o significado etimológico de seu nome era “vulva”. Sendo assim considerada por alguns como a

própria representação da Grande Mãe. Outros alegam que era uma Deusa defensora das cidadelas, descendente de uma Deusa marcial miceniana.

Quanto mais adentramos a pesquisa do papel das mulheres na sociedade grega antiga, mais se torna um papel social a luta pela liberdade feminina.

“ A verdadeira condição da mulher em Homero era esta: total exclusão de poder político e participação na vida pública; subordinação ao chefe da família e submissão as suas punições; e, finalmente, isolamento ideológico. Proibida de pensar sobre tudo que não fosse questão doméstica, a mulher não podia falar sobre os assuntos masculinos. Desleal, fraca e volúvel, ela era vista com grande desconfiança.”

Eva Cantarella em “Filhas de Pandora”, 1981. Pág. 33

No nível psicológico, Athena seria o que Jung denominou de *anima*, a energia feminina, de Zeus.

O Arquétipo de Athena

Athena é a Deusa das artes e da sabedoria Considerada uma Deusa virgem, como sua irmã Ártemis, não se deixa abalar por fatores externos nem por suas emoções, conservando um lado só seu, como na canção:

*“Devo de ir, fadas
Inseto voa em cego sem direção
Eu bem te vi, nada
Ou fada borboleta, ou fada canção

As ilusões fartas
Da fada com varinha virei condão*

*Rabo de pipa, olho de vidro
Pra suportar uma costela de Adão*

*Devo de ir, fadas
Inseto voa em cego sem direção
Eu bem te vi, nada
Ou fada borboleta, ou fada canção*

*As ilusões fartas
Da fada com varinha virei condão
Rabo de pipa, olho de vidro
Pra suportar uma costela de Adão*

*Um toque de sonhar sozinho
Te leva em qualquer direção
De flauta, remo ou moinho
De passo a passo, passo*

*Devo de ir, fadas
Inseto voa em cego sem direção
Eu bem te vi, nada
Ou fada borboleta, ou fada canção*

*As ilusões fartas
Da fada com varinha virei condão
Rabo de pipa, olho de vidro
Pra suportar uma costela de..."*

Canção de Luiz Melodia, maravilhosamente interpretada por Elza Soares.

Independente e extrovertida, é aquela mulher decidida a promover os estudos e carreira a qualquer custo. Estrategista, costuma buscar por um lugar de status na sociedade. Ajusta-se aos ambientes masculinos, marcados pelo animus, facilmente. Caminha pelos espaços com a maestria

da Deusa guerreira camaleoa, como se vestisse a armadura do próprio homem, sábia líder estrategista e criativa.

No entanto, não é seu animus quem a domina, mas a própria Athena quem se mantém em seus focos e objetivos. Na realidade ela se mantém em si, por isso a tendência de algumas aos ritos e retiros espirituais ou religiosos.

Costuma não agir impulsivamente, seus passos e suas ações são realizadas com reflexão lógica a fim de manter-se em si.

Dominada pela força, coragem e determinação, sua tendência é a liderança, como boa deusa guerreira. Justamente por todos seus a tributos, é protetora das batalhas. Protegendo os limites normalmente acordados por todos. Preza os regulamentos. .

Athena também faz parte do grupo de Deusas Tecelãs, aquelas que tecem as teias da vida do universo, no movimento contínuo de caos e transformação, vida e morte. Possuem o poder de unir e romper os laços afetivos.

Na Tradição da Grande Deusa, A Roda do Ano é representada pela roda de fiar das Tecelãs.

Pelo mesmo motivo tem o dom das artes, ao construir artefatos úteis. Suas cores são preto (Tecelã) e Vermelho (Protetora).

“Lindo trabalho esse de mulheres fiadeiras,mulheres aranhas,que com suas mãos,tecem mantos de luz para proteger o mundo mágico da criação.Mulheres em ação,sem manhas, nem tramas e artimanhas apenas tecelãs sábias,dos tempos de todas as luas,minguantes, novas,crescentes de luz e poder e finalmente plenas,cheias de encanto e amor.”

Eliane Dornellas para Teia de Thea

Seu animal de poder é constantemente ligado a coruja, símbolo da sabedoria.

Seu elemento é o Ar, carregando com ele os dons da percepção, intuição, inspiração, razão (muitos pensamentos). Guarda a criatividade. Pode ter tendência a buscar por roupas e adereços claros quando está em seu potencial criador ativo.

O arquétipo da mulher Athena tem importância crucial na luta pelo feminismo, pela mulher. Ela nasceu armada num mundo patriarcal, com uma armadura para lutar as mesmas batalhas dos homens, e ainda mais. São as feministas duras na queda; são todas as mulheres quando precisam competir para provarem serem duas vezes melhores que os homens. É um aspecto defensivo, e exige uma autoconfiança agressiva.

É o arquétipo da Deusa Athena dentro de nós que devemos invocar perante as batalhas cotidianas. Quando precisamos de pensamento racional, lógico e estratégico para, por exemplo, realizar um projeto, avaliar situações com a mente fria e livre de nossas emoções e laços.

Tendências a desequilíbrios

Recuperar a criança ferida

Trabalhar a mãe- aspecto filha- mãe terrível, aspectos de Deméter

Negação ou esquecimento do corpo e o que se refere a ele

Ártemis

O Mito de Ártemis

Deusa da caça, da lua, a filha de Leto (filha de titãs) e irmã gêmea de Apolo, nasceu a partir de uma história de traição e ingenuidade, quando Zeus, durante seu casamento com Hera, envolveu-se com sua mãe, Leto, que foi incessantemente perseguida por Hera por todo o planeta, o que dificultou inclusive o parto de seus filhos, pois todos temiam auxiliá-la e sofrer a ira de Hera.

Acabou dando a luz a Ártemis na ilha de Delos. Ao nascer, Leto precisou da ajuda de Ártemis para o parto de Apolo, Deus do Sol. Por conta do ódio de Hera, passara nove dias e nove noites nas dores do parto de seu filho.

Ártemis é também considerada deusa do parto.

Fazendo parte das Deusas virgens, era independente e hábil. Dizem que seu pai Zeus lhe prometera tudo o que quisesse e seus primeiros pedidos foram um arco e flecha. A Deusa não demorou a encontrar-se com Deus Pã, sendo uma cuidadora e caminhante das matas e florestas. Era implacável com seus inimigos e quem ameaçava aos que queria bem.

Como nenhuma outra Deusa, estava sempre ligada a sua mãe e corria ao seu socorro para protegê-la. Talvez justamente pelo elo criado entre elas durante o parto de Apolo.

Talvez o mais próximo de ter sentido algo por alguém, tenha sido por Órion. O gigante era belo, extremamente devoto a Ártemis, companheiro, caçador e despertou os ciúmes de quem não deveria: Apolo.

Atiçando a competitividade de Ártemis e sua vontade de mostrar-se boa na arte do arco e flecha, Apolo apostou com a irmã que ela seria incapaz de acertar um alvo qualquer no oceano. A primeira coisa vista pela deusa foi a cabeça de Órion e, sem dar-se conta de quem era, acertou uma flecha fatal no gigante. Ártemis sofreu muito com a morte de seu fiel companheiro e colocou-o no meio das constelações.

A deusa teve outros acidentes como este com pessoas queridas, como sua grande amiga Calisto. Com personalidades similares, as duas eram muito unidas na caça e se queriam muito bem.

Arquétipo de Ártemis

Deusa da Lua, da caça, guardiã das matas e protetora dos partos. É uma Deusa virgem, como Athena, mantendo sua independência e valores acima de tudo. Tem sempre sua meta traçada, sua flecha apontada para os objetivos que fazem sentido a ela. Costuma não dar importância para “o que pensarão de mim?”. Principalmente no que diz respeito às imposições do patriarcado.

É o arquétipo da mulher autoconfiante, que enxerga soluções para os obstáculos, pois tem a capacidade de transmuta-los em força, aprendizagem

e possui a sabedoria para lidar com as pedras do caminho. Essa mulher costuma ser ativista e/ou trabalhar com o que ela crê ser seu eu verdadeiro. Mantêm-se em si, autofocada e reflexiva, como em estado de meditação para alcançar o que ela tenha definido.

“Eu sou meu próprio lar”

Costuma gostar de desbravar o novo, de acordo com que acredita. Tem grande senso de coletividade, costuma exercer sororidade de maneira honesta e natural, realmente gosta da companhia de outras mulheres. Faz parte das Deusas jovens, representando a energia de jovialidade da Deusa, assim como Athena.

Hera

Arquétipo de Hera

Hera representa a maturidade. Deusa do compromisso, da consolidação. Faz o papel da esposa no Olimpo.

Conhecida por sua fúria ciumenta, foi transformada pelo patriarcado no exemplo de esposa que lhes convinha.

Porém essa deusa guarda uma história pouco conhecida: Quando atacadas pelo patriarcado, as sacerdotisas de Hera não aceitaram e se puseram a lutar. Para acabar com os ataques a essas mulheres de resistência, suas seguidoras, Hera acabou aceitando o casamento com Zeus a fim de trazer paz e cessar as agressões.

Hera nunca foi a esposa ciumenta, Hera é Deusa do poder, que dividia com e orientava o marido Zeus.

Como arquétipo, uma mulher Hera pode sentir a necessidade de segurança de uma relação estável. Por muitas vezes não se importa de estar ao lado de um homem poderoso, a quem ela lhe é parceira. Como sombra, vemos muitas mulheres que consideram o status do casamento muito sério e sentem-se infelizes de não encontrar essa relação "perfeita", que ela tanto idealiza.

Uma mulher Hera tem muita força e poder para realizar no mundo do trabalho, mas isso costuma ser secundário.

Vivenciamos esse arquétipo quando assumimos uma relação monogâmica, por exemplo, disposta a ser parceira e estar ao lado de seu companheiro escolhido além de todas as dificuldades.

Deméter

Deméter é representada com uma coroa feita de espigas de milho e seus animais sagrados eram a serpente e o porco. Seu símbolo mais conhecido é uma tocha.

Deméter é a deusa grega da colheita, da fertilidade, da terra cultivada, do direito sagrado e detém o ciclo da vida e da morte.

Foi a reveladora da agricultura para o ser humano e orientou sobre o cultivo do milho e do trigo. Por isso, é também conhecida como deusa da agricultura.

Deusa da Colheita, da fertilidade, da agricultura e detentora dos mistérios de Elêusios, do ciclo da vida e da morte

A Deusa Deméter está diretamente associada à maternidade. É uma deusa mãe e seu arquétipo é usualmente fortemente ativado durante o período de gestação e nascimento de seu rebento. É o “instinto materno”, que fará de tudo para proteger sua cria.

Mas é claro que o arquétipo de Deméter não se resume ao maternar. Muitas podem resolver não ter filhos.

É a condição, instinto, necessidade e entusiasmo em cuidar, alimentar, auxiliar a todos. Ela preza pelo bem estar coletivo.

As mulheres que possuem uma grande influência dessa Deusa são curandeiras, rezadeiras, assistentes sociais, atuam na área da saúde e educação. São encontradas regendo instituições e agindo fortemente em comunidades na luta por alguma causa, já que são pacientes, persistentes e prezam a justiça pelos que lhe são caros, mesmo que acabem colocando, elas próprias, em risco.

Perséfone

Arquétipo de Perséfone

Deusa do Mundo Averno, jovem, sensível

Retratada como a jovem e frágil Coré, raptada pelo Deus do Inferno, Hades e depois como Perséfone, a experiente e guia dos vivos nas suas descidas às profundezas.

É um arquétipo dual, que pode:

"Sê velha enquanto jovem, e jovem quando velha".

As maiorias das mulheres que apresentam fortes características de Perséfone tendem a cultivar aspectos joviais e não aparentam a idade que tem.

Por ser um arquétipo que "sente", acima tudo, é muitas vezes taxada de lunática.

Seu aspecto Coré, que pode levá-la a não ação, a ser vulnerável e predisposta a ceder aos caprichos e vontades dos outros, bem passiva, serviu ao patriarcado como modelo das "boas donzelas" ou "boa moça".

Porém como Deusa do Inferno, adquire poder de enfrentar e guiar àqueles que descem em suas sombras, seus "infernos pessoais", de volta à luz da consciência. Atravessando os caminhos dos mistérios, renascendo, com força e resistência.

É muito receptiva e intuitiva, muitas vezes auxiliando os outros a fazerem as travessias do ego e do inconsciente que ela mesma já completou.

Afrodite

Arquétipo de Afrodite

Como Deusa do amor e da beleza, esse arquétipo é um dos mais estereotipados na sociedade patriarcal. Afrodite, ou Vênus na mitologia romana, é uma Deusa que mescla características das Deusas virgens, tal como independência e individualidade, como a vontade de maternar de Hera, Deméter e Perséfone. Pelo desejo de liberdade e por assumir sua sexualidade, Afrodite é o arquétipo das "mulheres mal faladas", como as prostitutas e amantes.

Porém Afrodite carrega consigo a leveza e os prazeres da vida: é aquela mulher que sabe se divertir. Enxerga com olhar criativo os acontecimentos da vida, costuma gostar de eventos artísticos e festas.

Assim como boas comidas e bebidas, os sentidos corporais são do âmbito dela. É o lugar da sensualidade, da beleza, do autocuidado para além das aparências ou do olhar dos outros: ela é o amor dela.

Para além de tudo, o que faz o arquétipo dessa Deusa manifestar-se é alegria de viver, o encantamento e a energia que emprega em sua fala, gestual. Muito além do corpo físico, a sensualidade de Afrodite está em sua maneira criativa de colocar-se no mundo.

Referências

Quilici, Cassiano Sydow. **Antonin Artaud: teatro e ritual**. São Paulo, Annablume Editora, 2004.

Jodorowsky, Alejandro. **Psicomagia**. Tradução Sueli Farah. São Paulo, Devir, 2009.

Faur, Mirella. **Círculos Sagrados para mulheres contemporâneas**. São Paulo, Pensamento, 2011.

Bolen, Jean Shinoda. **As Deusas e a Mulher: nova psicologia das mulheres**. Tradução Maria Lydia Remédio. São Paulo, Paulus, 1990.

Woolger, Jennifer Barker. **A Deusa Interior: Um guia sobre os eternos mitos femininos que moldam nossas vidas.** Tradução Carlos Afonso Malferrari. São Paulo, Cultrix, 2007.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Aurélio século XXI: o dicionário da língua portuguesa.** Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1999.

Federici, Sílvia. **Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva.** Tradução: coletivo Sycorax. São Paulo, Elefante, 2017.

Gray, Miranda. **Lua vermelha.** Tradução Larissa Lamas Pucci. São Paulo, Pensamento, 2017.

Estes, Clarissa Pinkola. **Mulheres que correm com os lobos: mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem.** Rocco, 1994.